

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3P3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

OS AZULEJOS DO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA: PRIMEIRA ABORDAGEM

Mariana Almeida¹, Rosa Varela Gomes², Mário Varela Gomes³

¹ Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa/bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia SFRH/BD/100982/2014 / mariana.brit.almeida@gmail.com

² Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / rv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

³ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt / Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Resumo

O presente trabalho pretende dar a conhecer, embora de modo preliminar, os azulejos recuperados nas escavações arqueológicas efectuadas no antigo Convento de Santana de Lisboa. Apresenta-se o panorama geral das decorações identificadas, sua distribuição espacial e evolução cronológica. Será prestada especial atenção a alguns exemplares mais expressivos.

Recolheram-se, durante as duas campanhas de escavação (2002/2003 e 2009/2010), cerca de 10.000 fragmentos de azulejos e algumas dezenas de exemplares inteiros. Tais testemunhos correspondem a azulejos de enxaquetado (azuis, brancos e verdes), exemplares de padrão policromo e monocromo, do século XVII, elementos de painéis figurativos, bem como azulejos de figura avulsa do século XVIII.

Palavras-chave: Azulejos; Convento de Santana, Arqueologia Moderna, Azulejos de padrão, Azulejos figurativos.

Abstract

This paper makes a first approach to the tile collection recovered in the archaeological excavations in the ancient Convent of Santana of Lisbon. A general overview of the decorations gathered, their spatial distribution and chronological evolution will be established. A special attention will be given to some more expressive compositions throughout the text.

In the two archaeological campaigns (2002/2003 and 2009/2010) approximately 10.000 tile fragments and some dozen whole tiles were recovered. These testimonies correspond to *enxaquetado* tiles (blue, white and green), pattern tiles from the 17th century, both polychromous and monochrome, and parts of figurative panels from the 18th century as well as single figure tiles from the same century.

Keywords: Tiles, Convento Santana, Early Modern Archaeology, Pattern tiles, Figurative tiles.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto decorre da investigação dos abundantes materiais arqueológicos provenientes das escavações no antigo Convento de Santana de Lisboa, especificamente sobre os seus azulejos. Uma equipa multidisciplinar encontra-se empenhada no estudo, publicação e divulgação dos resultados ali obtidos mas, dada a quantidade de vestígios e sua complexidade, tal tarefa mostra-se demorada. Assim, os dados agora apresentados devem ser entendidos como ainda preliminares e, portanto incompletos, embora tenham a virtude de desde já, dar a conhecer diversos aspectos do rico património azulejar que existia naquela casa religiosa.

Para o estudo e compreensão do conjunto azulejar, em termos económicos, sociais e ideológicos, é necessário ter em conta as datas principais de fundação, campanhas de obras e remodelações, bem como de abandono, que passamos a recordar. O convento foi ocupado pela comunidade monástica em 1562 e manteve-se em funcionamento até à morte da sua última freira em 1884, sendo definitivamente demolido em 1897, para dar lugar ao Real Instituto Bacteriológico de Lisboa (RIBL), mais tarde Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (IBCP). Através da documentação literária, são conhecidas pelo menos três grandes campanhas de obras posteriores à fundação do convento, designadamente em 1674-1681, 1707 e 1729. Também em data subsequente ao Terramoto de 1755, que muito afectou vários sectores do Convento de Santana, foram realizadas obras de conservação e restauro (Gomes e Gomes, 2007: 76).

Em 1880, no decurso do desmantelamento do convento e da sua igreja, foram levados numerosíssimos azulejos para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, que à época se encontrava num processo de remodelação e restauro, tendo alguns painéis sido ali aplicados e outros armazenados. Este caso não foi único, pois na mesma altura também foram para ali transportados azulejos dos conventos das Albertas e das Grilas, no rescaldo da extinção das ordens religiosas em 1834 (Meco, 1980: 68).

2. PRIMEIRA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES (2002/2003)

Os primeiros trabalhos de escavação arqueológica incidiram principalmente sobre a zona do antigo claustro e parte da igreja, o que contribuiu para explicar a grande quantidade de azulejos recolhidos, alguns deles inteiros. A maioria dos exemplares foi encontrada no interior de um grande poço, em parte entulhado aquando da construção do RIBL/IBCP.

Nenhum dos azulejos recuperados se encontra *in situ*, nem directamente associado a qualquer estrutura, pelo que conjecturar a sua proveniência exacta é, ainda, inviável. Contudo, a proximidade com o claustro e a igreja conduzem-nos a colocar a hipótese que, pelo menos parte deles, teriam pertencido àquelas estruturas.

<i>Locí</i>	Número de testemunhos (inteiros e fragmentos)
Poço 1	5938
Fossa 4	23
Fossa 5	1
Quadrados	439
Recolhas de superfície	243
Total	6644

3. SEGUNDA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES (2009/2010)

A segunda campanha de escavações comportou o acompanhamento da obra de construção das novas instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, numa área mais extensa que a anterior. Todo o espaço do RIBL/IBCP foi intervencionado e surgiram azulejos, inteiros ou fragmentados, em quase todos os *loci* escavados.

Nesta campanha, foram identificados e separados 3271 azulejos, mas chamamos a atenção, novamente, para o facto de o trabalho de tratamento dos materiais da escavação ainda não se encontrar concluído, o que poderá modificar um pouco os números aqui apresentados.

<u>Loci</u>	<u>Número de testemunhos (inteiros e fragmentos)</u>
Sector II	129
Caneiro e Jardim Norte	98
Cavaliça	894
Cisterna	98
Compartimentos	46
Fossas (6,7 e 8)	234
Ossário do arco (Fossa 11)	52
Piso de tijoleira (Qs271-274)	974
Poço 2	567
Poço 3	2
Portaria	7
Zona da necrópole, sepulturas e ossários	110
Recolhas de superfície	60
Total	3271

Para além dos dois poços então descobertos, que à semelhança do encontrado na campanha anterior, continham numeroso espólio de diversas tipologias, e das diversas fossas detriticas, as zonas que ofereceram maior número de azulejos correspondem a espaço empedrado, que serviu até à data da escavação, de parque de estacionamento (Figuras 1.1 e 1.2), e a antiga cavaliça do RIBL/IBCP (Figura 1.3). Ambas áreas foram pouco afectadas pela construção do RIBL/IBCP: a primeira porque não jazia sob qualquer construção; a segunda por se encontrar sob uma estrutura secundária do complexo médico, que não dispunha de cave. São também os únicos locais onde foram encontrados azulejos *in situ*, assim como as estruturas melhor conservadas do Convento de Santana.

Segundo as plantas do convento elaboradas em 1871 e 1910, aquelas áreas estariam livres de construções e ajardinadas. No entanto, as escavações revelaram estruturas (bancos, canteiros e nichos) interpretadas como pertencentes a jardins e/ou casa de fresco, áreas essas que ofereceram um vasto conjun-

to azulejar. Porventura algumas dessas construções podem ter sido conversadeiras, tão *“próprias do jardim português revestidas a azulejos figurativos”* (Castel-Branco, 2008: 142), muito embora nos encontremos num ambiente monástico. A presença de elementos decorativos que contrastam com a percepção que temos da vida conventual, pautada pela austeridade, não é um caso exclusivo do Convento de Santana. Lembremo-nos, a título de exemplo, dos painéis figurativos que decoram a escadaria do Convento das Trinas do Mocambo, em Lisboa, com cenas de galanteio e caça, que na interpretação de Santos Simões (2004: 75) *“pouco decorosas para figurarem num convento feminino (...) com uma intenção de recordarem diariamente às freiras aquilo que perderam na vida para conseguirem a salvação da alma”*.

Os jardins em Portugal, em espaços civis e religiosos, contaram sempre com decoração diversa. Recordemos que o Convento de Santa Clara, no Porto, encomendou, entre 1687 e 1689, *“santos para os nichos do tanque da horta «de todo acabado e pintados»”* que custaram 12.000 réis (Alves, 1985: 8), espelhando o horror ao vazio que também encontramos noutros espaços (Câmara, 1996: 333). Os jardins eram entendidos como uma organização da natureza e simultaneamente como a continuação do espaço interior do edifício, sendo por isso palco de *“muitos espectáculos de diversão, de artifício, de exaltação espiritual, de mística ou de devaneio”* (Câmara, 1996: 333).

O número de quintas com jardim no nosso país é significativo, particularmente em redor das grandes cidades, propriedade de famílias abastadas, espelhando o gosto da sociedade pelo campo e a sua frescura. Este quadro é amplamente retratado na azulejaria do século XVIII (Câmara, 2015: 38, 39), palco para cenas de galanteio ou de sociabilidade. Tal como os painéis do Convento das Trinas, os jardins conventuais tinham como finalidade relembrar à comunidade os prazeres da vida profana, não necessariamente com a finalidade de ajudar à salvação das almas.

Os azulejos estão presentes nos jardins des-



1



2



3



4

Figura 1 – 1.1 – Vista geral da área de piso de tijoleira; 1.2 – Detalhe dos azulejos in situ da mesma área; 1.3 – Detalhe da zona ajardinada sob a cavaliçã do IBCP; 1.4 – Fragmento de azulejo hispano-árabe.

de que começaram a ser produzidos na Península Ibérica, “*abrindo os muros à imaginação*” (Stoop, 1991: 326). Existem numerosos exemplos da utilização destes revestimentos em bancos, canteiros e outros elementos arquitectónicos em vários pontos do país. Dando alguns exemplos: no Convento de Nossa Senhora do Desterro, em Monchique, existe um jardim barroco com canteiros estruturados geometricamente com uma altura de cerca de 0,5 m, no qual ainda se conservam alguns azulejos figurativos de azul e branco (Marado, 2006: 96); a Quinta da Bacalhoa, em Azeitão, possui uma famosa casa de fresco revestida a azulejos, bem como canteiros e bancos igualmente forrados com aqueles, com cronologia do século XVI (Sabo e Falcato, 1997: 76-77); o Palácio Nacional de Sintra apresenta, no Pátio do Leão, bancos revestidos com azulejos de enxaquetado, verdes e brancos quadrados, enquanto os canteiros apresentam azulejos de aresta, o mesmo acontecendo nos pátios das audiências e no alpendre (Sabo e Falcato, 1997: 67, 72, 73,); ainda em Sintra, a Quinta da Piedade tem nos seus jardins canteiros e bancos com azulejos figurativos do século XVIII (Sabo e Falcato, 1997: 131); no Palácio da Mitra, em Santo António do Tojal, Loures, o fontanário do jardim possuía um grande painel representando Santo António, datado de cerca de 1750, e o pombal da quinta também se encontra revestido de azulejos figurativos do século XVIII (Sabo e Falcato, 1997: 142, 143); o Palácio do Marquês de Pombal, Oeiras, apresenta muretes e canteiros com azulejos marmoreados de ca 1760/70, o mesmo acontecendo na Quinta dos Azulejos, Lumiar, que conta inclusivamente com arco triunfal revestido a azulejos neoclássicos (Sabo e Falcato, 1997: 172-177, 178-183); a Casa dos Biscainhos, em Braga, mostra no seu jardim barroco, um labirinto de arbustos ao centro, azulejos de padrão decorando os muros que o delimitam, com cerca de 1 m de altura (Carvalho e Silva, 2016: 31, 32); o Paço da Palmeira, quinta de recreio do Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, tem no seu jardim um tanque cujos muros são encimados por azulejos de aresta (Carvalho e Silva, 2016: 176).

4. DIACRONIA DA DECORAÇÃO

A cronologia da decoração azulejar apresentada pelo conjunto exumado no Convento de Santana atravessa todo o tempo de funcionamento daquela casa monástica, indicando a mudança do gosto decorativo da sociedade e, sobretudo, a capacidade económica da comunidade conventual para renovar a decoração parietal.

Por ora, estão apenas disponíveis os dados da campanha de 2009/2010 relativos às tipologias azulejares recuperadas, apresentando-se aqueles em tabela.

<i>Tipologias</i>	<i>Número</i>
Azulejos hispano-árabes	1
Azulejos de enxaquetado	386
Azulejos de padrão policromo	205
Azulejos de padrão monocromo	197
Azulejos figurativos de azul e branco	242
Azulejos de albarrada	194
Azulejos de cercadura do século XVIII	945
Azulejos de figura avulsa	279
Azulejos de esponjado	61
Azulejos figurativos policromos dos séculos XVIII e XIX	5
Indeterminados	756
Total	3271

Apenas um pequeno fragmento corresponde a azulejo hispano-árabe, não permitindo a reconstrução total do motivo. Trata-se de um exemplar fabricado com a técnica da corda seca, recuperado em ossário sob arco de descarga de um dos edifícios do RIBL/IBCP. Não aparenta ser de proveniência nacional, mas apenas análises químicas podem comprovar, com certeza, a sua origem. Apresenta uma flor polilobulada com as pétalas alternadamente azuis ou amarelas junto ao canto, rodeada por folhas de maiores dimensões, azuis, intercaladas por pequenos elementos fitomórficos de cor amarela (Fig. 1.4).

O melhor paralelo para esta decoração está patente no claustro manuelino do Palácio da Pena, pertencente ao antigo Convento dos Frades Jerónimos. Não temos, contudo, como saber se estes exemplares específicos são efectivamente desse edifício ou foram aí colocados durante as obras promovidas por D. Fernando II, que mandou trazer para a construção do palácio azulejos hispano-árabes dos armazéns do Estado, estabelecidos após o Teramoto de 1755, para criar um efeito de «manta de retalhos» (Carneiro e Gama, 1987: 30).

Foram encontrados enxaquetados nas cores azul, branco e verde, as duas primeiras em maior número. No respeitante à forma, apenas se registam azulejos quadrangulares e rectangulares. O revestimento parietal das primeiras fases construtivas do Convento de Santana parece ter correspondido a composições de azulejos enxaquetados, que encontramos em abundância na escavação, perfazendo 11% do total de exemplares recolhidos na campanha de 2009/2010.

O número de azulejos de enxaquetado recolhido é significativo, mesmo tendo em conta uma certa utilização residual durante os séculos XVII e XVIII, em que azulejos monocromos eram usados como remates, frisos inferiores ou peças para suprir um qualquer espaço entre a composição principal, o suporte parietal e arquitectura envolvente. Essa função também a tiveram os azulejos com decoração esponjada que igualmente encontramos, todos eles azuis, embora estes apenas fossem produzidos a partir do terceiro quartel do século XVIII (Meco, 1989: 70).

Conferem sustentabilidade à afirmação mencionada os três pequenos conjuntos de azulejos de enxaquetado, ainda unidos por argamassa no tardo, todos com exemplares brancos e azuis, recolhidos na cavaliça e junto ao caneiro (Figura 2.1). As composições geométricas de enxaquetados que pensamos terem sido usadas no Convento de Santana datam de finais do século XVI a até cerca de 1635-40 (Pais, 2009: 24)

Para além dos exemplares recolhidos na escavação, sabemos também que foram levados tape-

tes de enxaquetado, no final do século XIX, por José Maria Nepomuceno ou Liberato Telles, para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, “em quatro côres”, para o claustro de Santa Auta, ocupando uma área de 38 m de comprimento por 3 m de altura (AA. VV., 1907: 285) (Pais e Esteves, 2014: 84). No entanto, a designação induz em erro, visto que os azulejos que se observam nesse espaço são composições de caixilho compósito, ou enxaquetado rico, mencionadas por Santos Simões, que as data já do primeiro terço do século XVII, correspondendo, neste caso, ao padrão P-2 em P-11 (Simões, 1997: 25, 30), e das quais encontramos alguns exemplares em escavação. Os investigadores do MNAz datam este tipo de composições da primeira década de seiscentos, pelo que seriam preferencialmente usados em “áreas de maior nobreza ou distinção arquitectónica” (Pais, 2012a: 87).

No que respeita a azulejos com decorações do século XVII, é importante relevar que não recuperámos nas escavações qualquer fragmento consistente com um painel figurativo policromo. No entanto, sabemos que estes existiram pelo rol dos painéis levados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, quando da construção do RIBL/IBCP, nomeadamente oito pequenos painéis (dois dos quais exibem uma inscrição e as datas de 1635 e 1645, respectivamente) descritos como “desenhados com pouca arte, as figuras desproporcionadas e sem expressão; as cores de que se compõem são: amarelo, a mais predominante, azul, roxo, verde e branco” (AA. VV., 1907: 286, 287). Os temas retratados nestas composições são típicos do século XVII, nomeadamente a custódia com anjos segurando velas, São João Baptista, a Sagrada Família, esfera com a inscrição IS, São Miguel, São Diogo, Santo António e uma custódia.

O primeiro destes painéis encontra-se publicado (Pereira, 1995: 73; Pais, 2012b:177) e é uma típica representação azulejar daquela centúria; o segundo encontrará paralelos na composição presente na Igreja de São Simão, em Vila Fresca de Azeitão.

O painel com uma custódia e a legenda “L S O SANTISSIMO SACRAMTO”, com o número de inven-

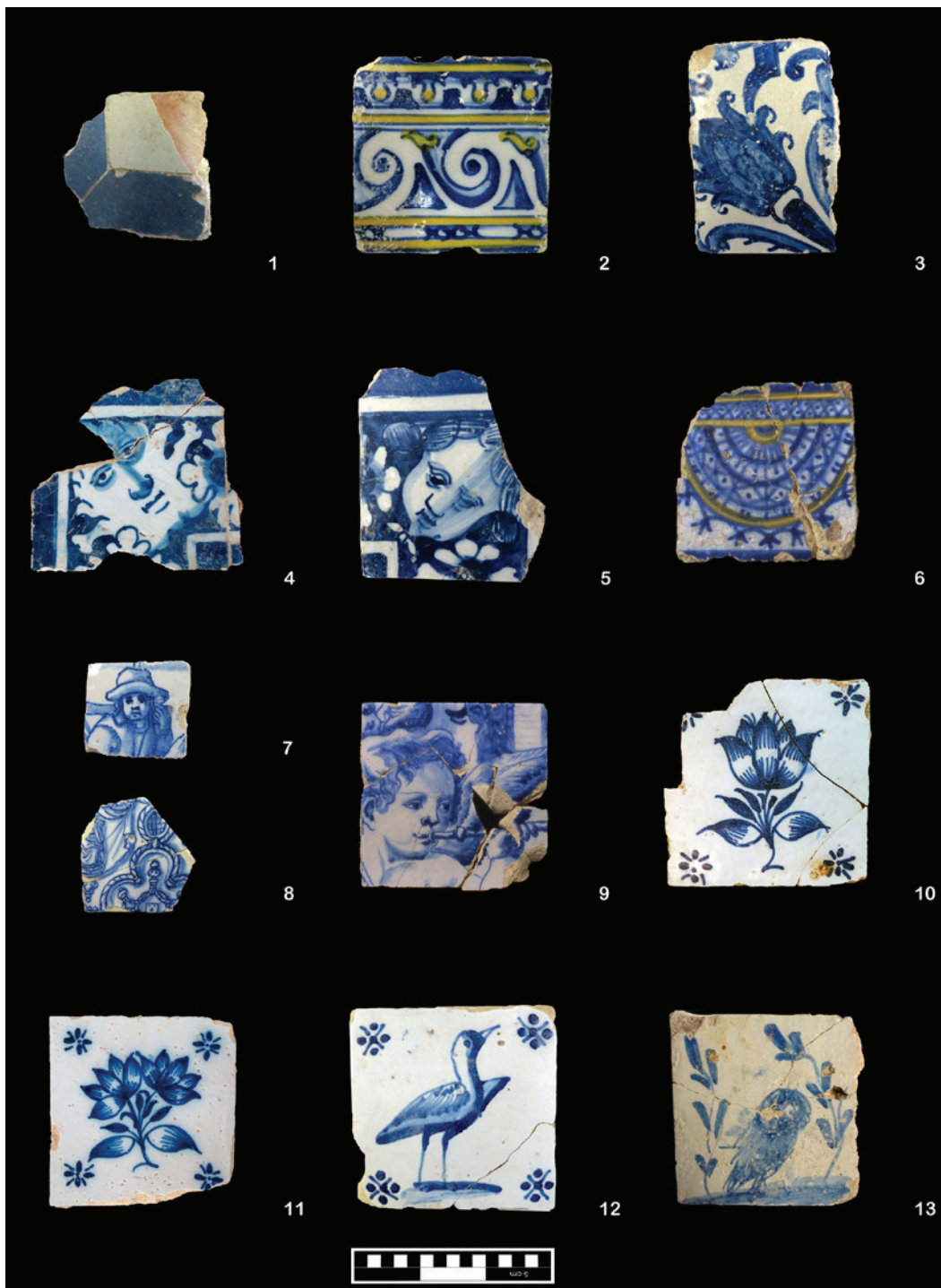


Figura 2 – 2.1 – Conjunto de três fragmentos de azulejos de enxaquetado ainda juntos por argamassa; 2.2 – Azulejo de padrão policromo C-36; 2.3 – Azulejo de padrão monocromo P-119; 2.4 – Elemento de canto de cercadura do século XVIII com mascarão; 2.5 – Elemento de canto de cercadura do século XVIII com putus; 2.6 – Azulejo de padrão policromo C-43; 2.7 – Fragmento de azulejo figurativo com figura antropomórfica maculina; 2.8 – Fragmento de azulejo figurativo com parte de fachada de edifício; 2.9 – Azulejo figurativo com anjo trombeteiro; 2.10 e 2.11 – Azulejos de figura avulsa com flor; 2.12 – Azulejo de figura avulsa com pássaro, provavelmente garça; 2.13 – Azulejo de figura avulsa com mocho.

tário 131 do MNAz, foi identificado pelos investigadores dessa instituição como tendo o Convento de Santana como proveniência (Pais, 2012b: 275, 276). Porventura será aquele descrito no boletim como possuindo “apenas uma custódia” (AA. VV., 1907: 287), não mencionando a legenda, bastante visível, na base da custódia. As medidas mencionadas para as duas composições diferem ligeiramente, havendo a diferença de um azulejo de altura e largura da publicação mais antiga para a mais recente, o que pode ser efeito da adição de uma cercadura nesta última obra.

O registo da Sagrada Família, descrito como sendo “composto de tres figuras; a da Virgem ao lado esquerdo e S. José ao direito, conduzindo ambos pela mão o menino Jesus que está ao meio do quadro”, com 1,10 X 1,28 m (AA. VV., 1907: 287), é semelhante àquele com o número de inventário 170 do fundo antigo do MNAz, que mostra exactamente a mesma composição e é apresentado como tendo proveniência desconhecida (Pais, 2012b:267). Fazemos a ressalva de que este é um motivo muito representado na azulejaria do período, com pouca variedade formal, e, portanto, não podemos afirmar categoricamente que será o painel proveniente do Convento de Santana.

O painel representando São Diogo, um santo pouco reproduzido em Portugal, crendo na descrição do *Boletim* seria “uma figura com um hábito de frade e tem escripto «S. Diogo» (AA. VV., 1907, p.287), é em tudo semelhante àquele com o número de inventário 140 do Fundo Antigo do MNAz. A publicação do catálogo de 1995 desse museu dá como proveniência desse painel a Casa Pia de Lisboa (Pereira, 1995: 739). No entanto, em 2012, a mesma composição é publicada como tendo proveniência desconhecida (Monteiro, 2012: 269). Dada esta revisão da sua origem, somos levados a pensar que esta será do Convento de Santana.

A cercadura é semelhante aquela do painel com a custódia, e também a um outro, que mostra São João Baptista (Pais, 2012b:269). Apesar de este ter o sugestivo número de inventário 139 (imediatamente antes de duas composições que julgamos

virem do templo em estudo), as medidas apresentadas e vários elementos da composição não se conjugam e fazem-nos crer que não será a mesma. A descrição de 1907 diz-nos que o painel apresenta “figura de S. João Baptista de pé; o fundo do quadro são arvores, casas, etc. Tem a seguinte inscripção: A Madre Gracia do Sacramento mandou fazer sendo rodeira ‘1635. INTERXACTUS MULIEIUTM NON SURREXIT MAIOR JOAXE BAPTISTA” (AA. VV., 1907: 286), ao passo que a composição do MNAz apresenta o santo sentado e sem legenda.

Não foram recuperados quaisquer fragmentos consistentes com frontais de altar, como seria de esperar num edifício religioso com as características do Convento de Santana. A título de exemplo, o antigo Convento de Santa Marta de Lisboa, hoje hospital, a curta distância do templo aqui em apreço, apresenta ainda hoje dois frontais de altar de azulejo em posição secundária (Velooso e Almasqué, 1996: 103, 105).

Quanto aos azulejos de padronagem do século XVII, seguimos a tipologia criada por Santos Simões (1997) para os padrões e elementos de moldura. Na campanha de 2009/2010, foram recolhidos 402 exemplares, 12,3% do total, que dividimos em duas tipologias distintas: policromos e monocromos. Os primeiros correspondem a 205 exemplares e os segundos, a 197. Foram inventariados, até agora, 51 padrões distintos, sendo que a maioria deles conta com poucos exemplares de cada, pois cerca de metade não ultrapassa os 5. Reconhecemos 22 padrões policromos (P-11, P-43, P-73, P-74, P-84 P-314, P-387, P-388, P-391, P-604, F-10, F-13, F-22, C-1, C-36, C-71, C-82, C-91, C-115/118, B-1, B-18, B-29; figs 2.2, 2.6, 3.1 e 3.3), 14 monocromos (P-68, P-211, P-212, P-219, P-318, P-376, P-475, P-489, F-19, C-4, C-27, C-66, B-38, B-59A; Fig. 2.3 e 3.2) e 15 (P-107, P-119, P-206, P-370, P-389, P-401, F-17, F-39, B-32, C-12, C-69, C-95, C-96, C-97, C-123) que, tendo sido registados como policromos por Santos Simões, apresentam aqui fragmentos em versão monocroma, a azul e branco. Seis destes últimos ofereceram exemplares nas duas variantes (P-206, P-370, P-401, C-96, C-97, F-39).

Encontrámos, do mesmo modo, algumas variantes de padrões publicados por Santos Simões na sua obra. Tal não é de estranhar, dado que este investigador trabalhou nas décadas de 1960 e 1970 e apenas listou azulejos que ainda estavam nas paredes durante as suas visitas aos locais. Padrões novos e variações a padrões por ele elencados não são, por isso, de estranhar numa colecção com a extensão daquela recuperada no Convento de Santana. Esta realidade tem vindo a ser encontrada por quem faz investigação nesta área (Pais, 2012a: 83).

Verificamos que, apesar do número de exemplares ser sensivelmente semelhante, foram recuperados muitos mais padrões policromos seiscentistas. Portanto, cada padrão de azul e branco tem mais unidades, especialmente se tivermos em consideração que os exemplares de padronagem que se encontram no MNAz e que são garantidamente do Convento de Santana são monocromos, 2x2, e não correspondem exactamente a nenhum padrão elencado por Santos Simões (o mais próximo é o P-225, com algumas características que encontramos no P-374 (Simões, 1997: 47, 60)) e cobrem uma área considerável. Trata-se de composição que mostra como principal motivo camélias, tipologia particularmente prolífica no reinado de D. João IV (1640-1656), cuja simbologia é de invocação mariana. A camélia, que também pode ser uma interpretação ocidental da oriental peónia, tem uma conotação equivalente à rosa, uma vez que a Virgem Maria é a «rosa sem espinhos» (Pais, 2012a: 89, 92). Efectivamente, o Convento de Santana, erigido sob o orago da mãe de Maria, apresenta três distintas composições de magnólias, sendo a família decorativa mais representada (Figura 3.2).

A grande quantidade de diferentes padrões, com muito poucos exemplares para a maioria de cada um dos que até agora inventariámos, pode indicar um caso de desmantelamento propositado do revestimento azulejar de padrão ocorrido no século XIX, antes da demolição do convento, apesar de não termos disso notícia precisa.

Quanto a tipologias, detectar todo o espectro da padronagem no conjunto em apreço. Encon-

tramos vinte e seis padrões, sete frisos, dezasseis cercaduras e seis barras, sensivelmente a proporção “normal” para um espaço revestido. Um dos azulejos recuperados foge um pouco à sua utilização usual, trata-se de exemplar em que os dois frisos que o compõem não foram cortados e, portanto, é usado como se de uma cercadura se tratasse (Figura 3.4). Os frisos são obtidos através do corte transversal de um azulejo de tamanho normal, separando os desenhos, que geralmente são semelhantes (Simões, 1997: 127). No caso em apresso, os frisos são idênticos e correspondem ao F-14 da tipologia de Santos Simões, sendo este bastante comum. No entanto, o exemplo que dá para a cercadura de frisos não cortados, mostra-o em conexão com um friso distinto do tema de rendas (1997: 131).

A esmagadora maioria dos padrões são de 2x2 (51 em 55), dois são do módulo 4x4 (um monocromo e um policromo) e apenas um do módulo 6x6, sendo este policromo. A opção de utilizar padrões mais “pequenos” pode prender-se com o local a que eram destinados, ou até com programa decorativo em que cada padrão estaria adscrito a área relativamente pequena, apenas uma parede, visto que os padrões de módulos 4x4 ou 6x6 são destinados a cobrir espaços de grandes dimensões (Simões, 1997: 64). Estas composições maiores que ocorrem no Convento de Santana são bastante comuns em todo o Portugal, mas o mesmo não se pode dizer de algumas das estruturas de 2x2, que exibem variações aos modelos publicados por Santos Simões.

Ao nível da cronologia, encontramos igualmente todo o espectro da produção azulejar de padrões. Esta começa com as composições de caixilho compósito, como já foi referido acima, e segue com as composições de módulo 2x2, que surgem na década de 20 do século XVII (Pais, 2012a: 85). Já os de 4x4, apesar de aparecerem ainda durante a década de 1630, são mais utilizados nos dois decénios seguintes (Simões, 1997: 65), tal como os padrões de 6x6, que ainda se encontram em uso, esporadicamente, na década de 1710 (Meco, 1989: 143). A monocromia surge na padronagem por



Figura 3 – 3.1 – Azulejo de padrão policromo P-388; 3.2 – Azulejo de padrão monocromo P-206; 3.3 – Azulejo de padrão policromo B-29; 3.4 – Azulejo de padrão de duplo F-14; 3.5 – Composição do século XVIII com albarrada ladeada por dois anjos.

volta de 1680 e continua para o princípio do século XVIII (Meco, 1989: 142; Pais, 2012a: 93). Alguns autores afirmam que os padrões monocromos são maioritariamente de 4x4 e 6x6 (Meco, 1989: 142; Pais, 2012a: 93). Contudo, essa percepção pode ser fruto de uma falta de catalogação sistemática de padrões deste tipo, atendendo a que o último, e único, grande esforço nesse sentido foi realizado nos anos 60 e 70 do século passado.

A maior percentagem de espécimes encontrados na campanha de 2009/2010 corresponde a azulejos de painéis e respectivas cercaduras do século XVIII. Os painéis contam com 242 exemplares (7,4%) e as cercaduras, com 945 (28,9%).

Os elementos de moldura apresentam algumas variações de enrolamentos de folhas de acanto barrocas, mas mostram alguma coerência. Existe também uma certa diversidade ao nível dos elementos de canto, em que encontramos mascarões (Figura 2.4), flores e *putti* (Figura 2.5). A sua maioria exhibe como características, os largos enrolamentos de folhas de acanto, a tonalidade forte do azul e a pincelada larga, que podem ser adscritas à primeira metade do século XVIII. Porventura podemos ligá-las às campanhas de obras de 1707 e 1729.

Os azulejos setecentistas de painel figurativo que recuperámos nas escavações do Convento de Santana estão muito fragmentados e tem-se revelado muito difícil conseguir reconstituir os motivos centrais. Até agora só conseguimos montar uma pequena composição com nove azulejos, embora incompleta, que foi encontrada na zona da cavalaria. Trata-se de pequeno painel que teria três azulejos de lado por quatro de altura (0,42 x 0,56 cm) e mostra ao centro a representação de uma santa exibindo resplendor, palma na mão direita, o que parece ser um pequeno raio do lado esquerdo e torre ao seu lado direito. Pelos atributos apresentados na composição, pensamos estar perante Santa Bárbara (Figura 4.1). As características pictóricas e da composição apontam para datação no segundo quartel do século XVIII, com o recurso a aguadas de cobalto que criam ilusões de luminosidade e sombra, traço fino a azul mais forte criando um contorno

e a moldura que cerca a composição mostra enrolamentos de elementos fitomórficos. O *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses* de 1907 dá notícia da transferência de três pequenos painéis, com as mesmas medidas que o de Santa Bárbara, levados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, representando São Miguel, Tobias e o anjo e São Rafael “*em azul e branco, e as suas figuras são desenhadas com franqueza e sem hesitação; as roupas, trajos, etc., muito bem indicadas e sobremaneira proporcionadas todas as partes da composição.*” (AA. VV., 1907: 287). Possivelmente o painel que recuperámos em escavação faria parte da mesma série em que estes se inseriam.

Apesar de não conseguirmos reconstituir mais nenhuma composição, queremos chamar a atenção para três azulejos soltos com interesse e grande qualidade técnica. O primeiro, da cavalaria, com traços muito finos de um azul forte, exhibe parte de uma fachada com o topo de portal manuelino e à sua esquerda parte de imagem religiosa sobre mísula decorada (Figura 2.8). Essa representação consiste numa figura feminina sentada num cadeirão, segurando uma criança no colo, portanto uma típica representação de Santa Ana. As imagens de que dispomos das duas fachadas do Convento de Santana, datadas já dos finais do século XIX, mostram portais muito distintos daquele reproduzido no azulejo, cujo modelo arquitectónico está mais próximo da Igreja da Madre de Deus de Xabregas, ou mesmo da fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos, cuja representação azulejar, de cerca de 1740, pintado pelo mestre P.M.P, está hoje no Museu da Cidade – Palácio Pimenta. O fragmento pode indiciar realidade arquitectónica do Convento de Santana que não conheçamos e que tenha sido modificado numa campanha de obras posterior, ou pode fazer parte de composição de espaço imaginário e/ou idealizado, quiçá narrando episódio real ou bíblico, como o quadro que mostra a transladação das relíquias de Santa Auta para a Madre de Deus de Xabregas, de 1522, ou procissão por local que não podemos precisar, que se vê no painel da nave da igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Lisboa,

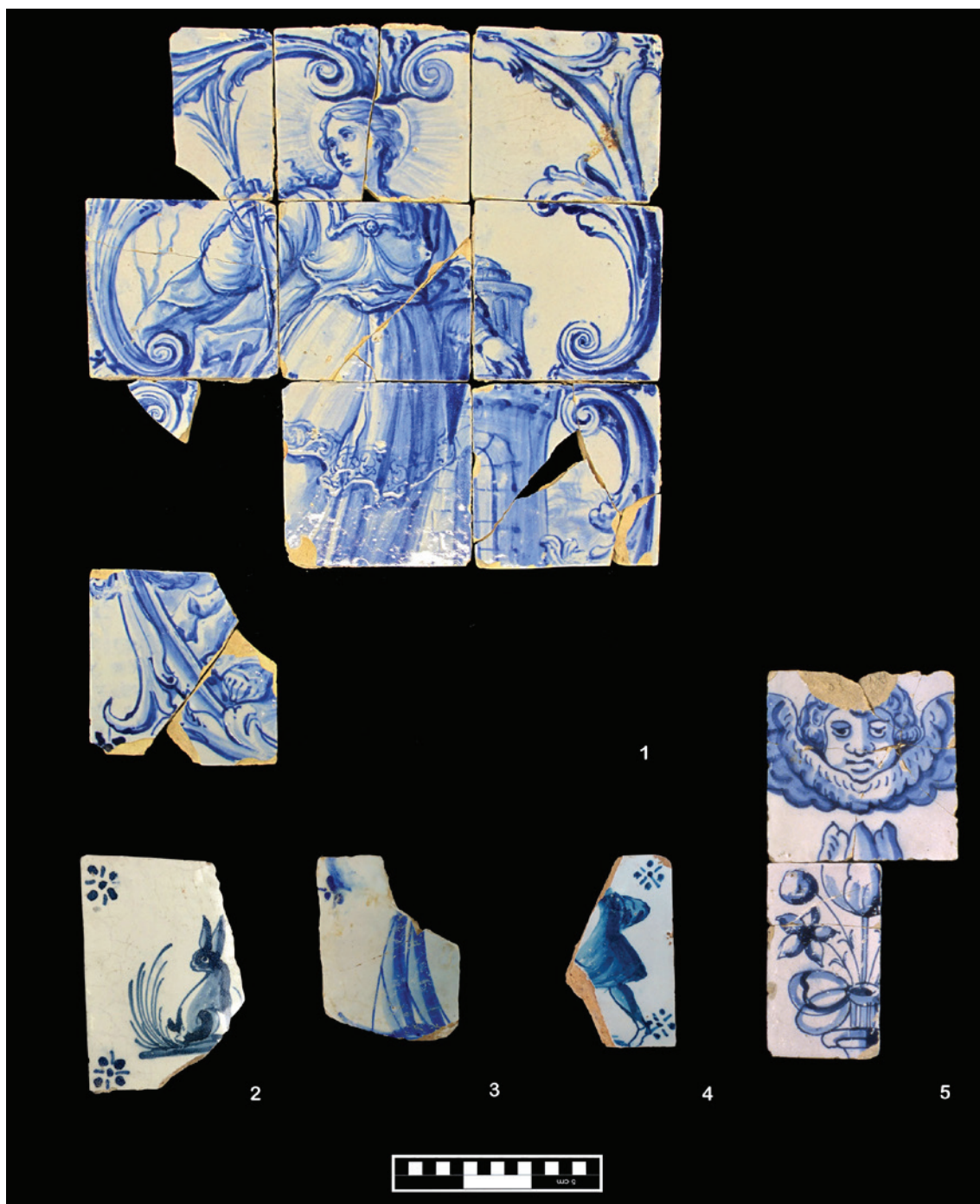


Figura 4 – 4.1 – Composição figurativa em Santa Bárbara; 4.2 – Azulejo de figura avulsa com coelho ou lebre; 4.3 – Azulejo de figura avulsa com barco; 4.4 – Azulejo de figura avulsa com figura antropomórfica; 4.5 – Composição do século XVIII com tulipa e anjo.

ou o painel azulejar do século XVIII representando um episódio da vida de Santa Clara, que podemos observar no antigo Convento de Santa Marta de Lisboa, em que esta põe em fuga os soldados sarracenos de Frederico II, sacro imperador romano, empunhando uma custódia à porta do Mosteiro de São Damião, muito embora o modelo representado seja o de uma porta simples e não um portal manuelino (Veloso e Almasqué, 1996: 101).

Outro azulejo, igualmente da cavalaria, que merece menção mostra figura humana, masculina, com traço menos cuidado que o anterior, mas com bastante pormenor. Podemos afirmar, com algum grau de certeza, que se tratam de dois painéis distintos. O homem retratado neste azulejo apresenta um traje rústico, com chapéu de abas e segura em algo com a mão, atrás das costas, que sai do enquadramento, possivelmente sendo um vendedor ambulante (Figura 2.7).

Da primeira campanha de escavações, recuperou-se um azulejo que representa a cabeça e o tronco de um anjinho trombeteiro (Figura 2.9), com traços muito finos e delicados nas suas feições, possuindo jogo de claro e escuro que transmite volumetria e textura, sobretudo nas asas. Igualmente dessa campanha foram encontrados dois azulejos, que se completam, mostrando uma composição a azul e branco, com *putti* provido de asas de pássaro, encimando tulipa e outras pequenas flores, num ramo com laço que saí de gargalo (Figura 4.5). Parte das asas e a restante peça de onde saem as flores encontra-se em falta. A cronologia da composição em apreço deverá ser um pouco mais recuada, possivelmente ainda da primeira metade do século XVIII. A tulipa, aqui representada com grande rigor naturalista, não é um motivo usual na azulejaria nacional, encontrando espaço nas composições de figuras avulsas em finais do século XVIII e nos grandes jarrões floridos dos séculos XVII e XVIII, uma vez que estes são muitas vezes reproduções de gravuras ou pinturas holandesas. Efectivamente, o melhor paralelo provém de friso de 33 túlipas policromas, igualmente com dois azulejos de altura, fabricados em Hoorn ca 1630-1650, e colocados numa casa

particular, no período designado por vezes de “tulipomania”, cujo pico foi 1635. Esta flor, enquanto centro da composição decorativa, é um modelo pouco utilizado na azulejaria holandesa, mas muito usual em pinturas e gravuras de igual cronologia (Dongen, 2013: 258). Como já referimos, a cronologia que atribuímos aos azulejos encontrados no Convento de Santana é posterior, mas provavelmente inspirado em gravuras holandesas do período.

Para além dos painéis que foram levados para Xabregas a que já aludimos, “*Ainda ha mais 11 quadros que vieram de Sant’Anna; porém, parte delles muito incompletos pelo numero d’azulejos que lhes falta. Há um de grandes dimensões, medindo 2m,70 x 2m,37.*” (AA. VV., 1907: 287). Podemos equacionar se os exemplares recolhidos nas escavações arqueológicas são parte destes painéis incompletos mencionados em 1907, pois sabemos que vários azulejos haviam sido reparados ou mesmo substituídos após o terramoto de 1755 e, novamente, durante a mudança para Xabregas, contribuindo para a sua descaracterização (Meco, 1980: 70).

Não podemos deixar de associar esta informação aos painéis presentes na Sala de D. Manuel do Convento da Madre de Deus. Nesta sala, encontramos seis painéis provenientes do Convento de Santana. Na verdade, a maioria são “meios-painéis”, pois foram cortados e desmembrados para melhor caber na sala e preencher os espaços entre as janelas, descaracterizando-os. José Meco afirma que o conjunto deveria ter um rodapé que não foi utilizado (1980: 70). Possivelmente, este foi propositadamente deixado no local de origem, onde encontrámos diversos exemplares. A grande composição da parede mais a norte, medindo sensivelmente 2,94 x 7,56 m, é bem maior do que aquela referida no *Boletim*, com 2,7 x 2,37 m, e a decoração não é mencionada, pelo que não é possível atribuir o painel a tão vaga descrição.

Nas escavações de 2009/2010 do Convento de Santana, foram recuperados 279 fragmentos de azulejos de figura avulsa, representando 8,53% do total dessa campanha. Novamente, é preciso fazer a ressalva que a totalidade do material recuperado

ainda não foi tratada e, pelas suas características, é mais fácil efectuar colagens nestes azulejos.

Encontramos na colecção os seguintes motivos: flores, animais, barcos e representações antropomórficas. São, efectivamente, os mais usuais nesta tipologia, a par de casas, moinhos e cestos de frutos (Meco, 1989: 145), motivos que não identificámos, tal como não reconhecemos composições caricaturais, como aquelas recuperadas nas escavações do Mosteiro de São João de Tarouca (Castro e Sebastian, 2003: 173). Os motivos fitomórficos (Figuras 2.10 e 2.11) são os mais abundantes e conseguimos reconhecer quatro espécies de flores: cravo, túlipa, lírio e margarida, em proporções semelhantes. No que respeita aos animais, encontramos: o cão, sendo que todos os exemplares parecem ser galgos, esguios, com orelhas pontiagudas, em corrida e por vezes com a cabeça voltada para trás; aves peraltas de difícil identificação específica, em diferentes posições, possivelmente garças (Figura 2.12); um exemplar com um mocho ladeado por largas folhas (Figura 2.13); e um azulejo exibindo um coelho ou lebre (Figura 4.2), mostrando as longas orelhas e cauda curta. Os barcos são todos da mesma tipologia, de perfil, com duas velas triangulares altas que conferem um perfil triangular à embarcação (Figura 4.3). Por fim, encontramos dois azulejos de figura avulsa com representações antropomórficas, ambas incompletas, aparentemente masculinas (Figura 4.4).

Quanto a cronologias, o exemplar com o mocho apresenta características que apontam para o primeiro quartel do século XVIII, nomeadamente por o azul ser mais diluído e não exibir elementos de canto (Meco, 1989: 148). Todos os restantes azulejos apresentam esse elemento, que os data do segundo quartel do século XVIII (Meco, 1989: 145, 149). Os elementos de canto oferecem duas variantes: a primeira, só a registámos na Fossa 6 e é uma flor com quatro pétalas com pequeno círculo ao centro, de clara inspiração nos protótipos holandeses e cronologia ligeiramente anterior ao modelo seguinte, a característica estrela com as pintas ao centro e cantos, fruto da estilização da flor (Simões, 2010: 73), que é a mais abundante nesta colecção.

Devido ao facto de o convento ter sido demolido e de o espaço ter sido ocupado pelos edifícios do RIBL/IBCP, é difícil, senão mesmo impossível, identificar que locais do convento estariam revestidos com azulejos de figura avulsa. Sabemos que estes eram muito utilizados, no reinado de D. João V, em cozinhas, como no caso do Convento das Trinas, em Lisboa, em que as paredes da cozinha grande, a cozinha pequena e enfermaria estão cobertas com estes azulejos (Simões, 2004: 145). O mesmo se passa nas cozinhas dos palácios civis, como é o caso do Palácio Pimenta (núcleo do actual Museu de Lisboa) (Câmara, 2007: 96-104). A partir do Terramoto de 1755, estes passam a ter um papel secundário e a ser colocados em espaços menos nobres de edificações religiosas, como locais de passagem (Meco, 1989: 150).

Por fim, há que mencionar as composições de albarradas, herdeiras da tradição policroma do século XVII, representando grandes jarrões com flores e frutos, geralmente ladeados por aves. Na primeira metade do século XVIII, já apenas em azul e branco, estas composições são amplamente utilizadas como elementos de ligação entre painéis historiados, preenchendo espaços vazios nas composições (Simões, 2010: 57, 58). Na campanha de escavações de 2009/2010 no Convento de Santana, foram encontrados 194 (5,93%) azulejos consistentes com a decoração de albarradas, nomeadamente elementos dos jarrões e das flores, mas não identificámos qualquer pássaro.

Na primeira campanha de escavação, em 2002/2003, foi recuperada composição com 4 azulejos de lado e 3 de altura que mostra, ao centro, o jarrão com flores, de pé alto e mascarões a servir de pegas, sobre pequeno pedestal ladeado de largos enrolamentos de folhas de acanto e *putti* que seguram elemento que sai do enquadramento, numa clara representação de elementos arquitectónicos (Figura 3.5). Certamente que esta estrutura era usada por baixo de uma composição principal, possivelmente o “rodapé” que José Meco diz faltar no grande painel da Sala de D. Manuel.

Temos informação, relatada pelo Visconde da

Azambuja, de que um painel de azulejos mostrando “troféu”, junto à sepultura de Camões no Convento de Santana, aí colocado pelo poeta Miguel Leitão de Andrada (1553-1630) (AA. VV., 1906: 303). A designação de troféu, apesar de vaga, pode indicar uma composição do tipo albarrada, com jarro de pé alto e duas pegas (algo análoga a uma cratera de volutas), semelhante ao modelo formal dos troféus. Esta tipologia, em azulejos, conhece o seu primeiro pico de produção, em policromia, no terceiro quartel do século XVII, mas já estavam em voga no primeiro terço do século XVII, sob a influência de modelos flamengos (Monteiro, 2009: 52). Aquela cronologia enquadra-se nas datas limite para o assentamento do dito painel no Convento de Santana, entre a morte de Camões e a morte de Andrada em 1630.

Este tipo de estruturas compositivas pode igualmente ser usado em sequência, criando uma espécie de friso como o que encontramos na igreja paroquial de São Quintino, em Sobral de Monte Agraço, datado de 1738, onde se encontram envolvidos numa cercadura de largos enrolamentos barrocos (Meco, 1989: 150).

5. PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO

Partindo do pressuposto teórico de que todos os exemplares cumprem as medidas padrão de 14 cm de lado para as produções lisboetas, ou seja 0,0196 m² de área, conseguimos fazer uma estimativa aproximada da superfície revestida por azulejos no Convento de Santana. Desse modo, estimamos que os 22000 azulejos enviados para o Convento da Madre de Deus de Xabregas, mencionados no *Boletim* – “Os do convento de Sant’Anna em numero de 22:000;” (AA. VV., 1907: 288) –, cobrissem 418 m². Não sabemos se este número inclui os painéis que se encontram hoje na Sala de D. Manuel, mas é pouco provável que assim seja, atendendo à falta de menção das decorações neles patentes, de excelente qualidade e beleza, pelo que vamos aqui estimar a sua área. O grande painel mede 2,94m x

7,56m (22,23 m²), sem contar com o friso inferior de azulejos de padrão que tem 8 azulejos de altura, portanto 1,12 m, e a mesma largura que o painel, perfazendo 8,47 m² de área. A estimativa da parede contrária é mais difícil, devido à presença dos janelões. Conceptualmente, e para este exercício, vamos supor que os vãos das janelas retirem 20% da área parietal útil, o que daria um número na ordem dos 24,56 m². Na parede de topo da sala, encontra-se um painel que mede sensivelmente 11,17 m², já contando com os azulejos de padrão. Os 9.915 exemplares de azulejos contabilizados até agora, provenientes das escavações arqueológicas, medem 188,38 m². Juntando todos estes dados, chegamos ao número de 672,81 m² de superfície revestida a azulejos no Convento de Santana.

A decoração parietal de cada espaço do convento poderá ficar para sempre desconhecida, devido às mudanças radicais no local operadas nos finais do século XIX. O que podemos avançar com certeza é que uma vasta superfície estaria decorada com azulejos e que espécimes de várias épocas estariam em uso simultaneamente, se bem que, pelos motivos atrás expostos, também seja difícil compreender quais os azulejos retirados nessa altura e quais já fariam eles próprios parte do registo arqueológico.

Seria importante que no MNAz se conseguisse descortinar, com certeza, quais os azulejos procedentes do Convento de Santana que se encontram nessa instituição, de modo a criar um panorama mais realista de como seria a decoração desse templo e que tipo de programa ideológico teria, pois até agora encontramos uma dicotomia entre imagética mariana e franciscana, num claro discurso entre a invocação do convento e a sua filiação institucional. Os esforços do projecto *Devolver ao Olhar* tem um papel muito importante neste campo, ao “encontrar” peças cuja proveniência desconhecida pode perfeitamente ser o Convento de Santana de Lisboa, como o recém “descoberto” painel que mostra o nascimento de Santa Ana, onde sobressai a tripla referência ao nome traçado a amarelo no peito da criança, que se encontrava encaixotado (Pais e Esteves, 2014: 93).

6. ALGUMAS CONCLUSÕES

No ponto em que se encontra o estudo dos azulejos do Convento de Santana de Lisboa podemos já tirar algumas conclusões. A remoção propositada de vários painéis de azulejos do espaço conventual quando da sua adaptação a RIBL nos finais do século XIX condicionou a formação dos estratos arqueológicos, explicando a falta de azulejos pertencentes a composições figurativas dos séculos XVII e XVIII. Essa ausência é particularmente notória ao nível dos elementos figurativos centrais, uma vez que foram recuperados principalmente exemplares de molduras e cercaduras dessas mesmas composições.

A ausência de azulejos hispano-árabes e a presença de enxaquetados leva-nos a crer que o primeiro revestimento teria sido feito com estes últimos, tratando-se de uma opção baseada no gosto, visto que contemporaneamente estariam igualmente disponíveis os azulejos a que aludimos primeiramente.

No século XVII o espaço conventual foi decorado com azulejos de padronagem, dos quais foram recolhidos vários exemplares distintos, pontuados com pequenos painéis com representações de santos, os quais foram retirados e mais tarde integrados no acervo do MNAz. Porventura podemos ligar esta redecoreção com as obras de ampliação do convento nas décadas de setenta e oitenta dessa centúria, altura em que os padrões utilizados começavam a ser mais quase exclusivamente azuis e brancos, num movimento de recusa da policromia.

O século XVIII é aquele que ofereceu maior quantidade de azulejos, mas, infelizmente, pouco consistentes entre si ao nível da composição. Efectivamente, apenas dispomos de um pequeno painel completo representado Santa Bárbara. A grande quantidade de elementos de cercadura prender-se-á com a retirada propositada dos painéis históricos do convento durante da sua parcial demolição e conversão a RIBL nos finais do século XIX e posterior deposição no MNAz, onde não se encontram cercaduras. Ainda nessa centúria encontramos uma significativa colecção de azulejos de figura avulsa,

com motivos distintos, que se encontrariam nos espaços menos nobres do convento.

Podemos afirmar que muitos dos compartimentos do Convento de Santana se encontravam revestido com azulejos desde a sua fundação até ao seu encerramento nos finais do século XIX e que se operaram campanhas de mudança desses revestimentos ao longo do tempo, consoante o gosto da época e as possibilidades económicas daquela instituição.

Apesar do muito que se desconhece da arquitectura e do património azulejar do Convento de Santana de Lisboa, importa reconhecer que, tal como outras grandes casas religiosas, ali foi maciçamente usado o azulejo como revestimento das paredes da sua igreja, talvez do refeitório e outros espaços colectivos, em áreas de circulação, corredores e escadarias, no claustro e nos seus jardins.

Assim se utilizaram mais de 32000 azulejos, constituindo uma valiosa colecção, não só pelo número de exemplares, como também pela qualidade de muitos painéis, reflectindo um tipo de gosto bem português, capaz de transformar a austeridade arquitectónica do espaço conventual, animando os grandes planos parietais, com ritmos e imagens, nem sempre religiosas, que emprestavam frescura nos meses quentes, não se deterioravam facilmente e proporcionavam prazer ao olhar. Nas palavras de Joana Troni (2008: 215): “*O convento constituía, no caso português «espaço de convívio social que oferecia o salão nas cortes europeias»*”.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV. (1906) – Azulejos, *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, Tomo X, n.º 6, pp. 303-304.

AA. VV. (1907) – Azulejos, *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, Tomo XI, n.º 4, pp. 282-288.

ALVES, Natália Marinho Ferreira (1985) – *Subsídio para o estudo artístico do Convento de Santa Clara do Porto nos princípios do século XVIII*. *Revista da Faculdade de Letras – História*, II série, vol. II, pp. 273-295.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (1996) – Azulejaria e vivência exterior na segunda metade do século XVIII: os exem-

- plos de Queluz e da Quinta dos Azulejos, *Struggle for Synthesis – A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 331-344.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2007) – *Azulejaria do século XVIII – Espaço Lúdico e Decoração da Arquitectura Civil de Lisboa*. Lisboa: Civilização Editora.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2015) – Natureza, artifício e quotidiano. Narrativas e arquitecturas da água no século XVIII in *AQUA – Faianças da Colecção do MNAA*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 36-47.
- CARNEIRO, José Manuel Martins; GAMA, Luís Filipe Marques da (1987) – *Palácio Nacional da Pena – Roteiro*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- CARVALHO, Rosário Salema de; SILVA, Libório Manuel (2016) – *Azulejo em/in Braga – O Largo Tempo do Barroco*. Braga: Centro Atlântico.
- CASTEL-BRANCO, Cristina (2008) – *Os Jardins dos Vice Reis Fronteira*. Lisboa: Edições Asa.
- CASTRO, Ana Sampaio e; SEBASTIAN, Luís (2003) – Mosteiro de São João de Tarouca – a faiança de revestimento: séculos XVII e XVIII (intervenção arqueológica 1998-2001). *Património Estudos*, 4, pp. 168-179.
- DONGEN, Alexandra Gaba-van (2013) – Paineis de azulejos com túlipas in *O Brilho das Cidades: A Rota do Azulejo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 258.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo – Boletim do Grupo dos Amigos de Lisboa*, S. II, 27, pp. 75-92.
- MARADO, Catarina Almeida (2006) – *Antigos Conventos do Algarve. Um Percurso pelo Património da Região*. Lisboa: Edições Colibri.
- MECO, José (1980) – *O pintor de azulejos Manuel dos Santos – Definição e análise da obra. Boletim da Assembleia Distrital de Lisboa*, S. III, 86, pp. 75-158.
- MECO, José (1989) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Edições Alfa.
- MONTEIRO, João Pedro (2009) – *Vaso Florido in Azulejos – Obras do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Éditions Chandeigne e Museu Nacional do Azulejo.
- MONTEIRO, João Pedro (2012) – Registos hagiográficos e painéis narrativos, in *Um Gosto Português – O uso do Azulejo no Século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, pp. 264-271.
- PAIS, Alexandre (2009) – Paineis de Azulejos Enxaquetados in *Azulejos – Obras do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Éditions Chandeigne e Museu Nacional do Azulejo.
- PAIS, Alexandre (2012a) – Padrões (ainda) imprecisos. A azulejaria de repetição no século XVII in Matos, M. A. P. (coord.) *Um Gosto Português – O uso do azulejo no século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, p. 83-96.
- PAIS, Alexandre (2012b) – Padrões in *Um Gosto Português – O uso do Azulejo no Século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, pp. 109-180.
- PAIS, Alexandre; ESTEVES, Lurdes (2014) – “Devolver ao Olhar” in Flor, S. V. (coord.) *A Herança de Santos Simões. Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 83-94.
- PEREIRA, João Castel-Branco (1995) – *As colecções do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.
- SABO, Ricoletta; FALCATO, Jorge Nuno (1997) – *Azulejos Arte e História. Azulejaria de Palácios, Jardins e Igrejas de Lisboa e Arredores*. Lisboa: Edições Inapa.
- SIMÕES, João Miguel (2004) – *O Convento das Trinas do Mocambo – Estudo Histórico Artístico*. Lisboa: Instituto Hidrográfico.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (1997) – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (2010) – *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, edição revista e actualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STOOP, Anne de (1991) – Les Jardins d’Azulejos dans le Portugal du Sud in *Histoire des Jardins de la Renaissance à nos Jours*. Paris: Flammarion, pp. 326-328.
- TRONI, Joana (2008) – *Catarina de Bragança (1638-1705)*. Lisboa: Edições Colibri.
- VELOSO, António José Barros; ALMASQUÉ, Isabel (1996) – *Hospitais Cívicos de Lisboa, História e Azulejo*. Lisboa: Edições Inapa.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt